

## DESIGUALDADE SOCIAL, DIFICULDADES E EXPECTATIVAS DE JOGADORES DA CATEGORIA DE BASE COM O FUTEBOL PROFISSIONAL

Hugo Sarat Oliveira Araujo<sup>1</sup>  
Marcos Vinicius Francisco<sup>2</sup>  
Patricia Regina Piovezan<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste estudo analisaram-se as dificuldades e expectativas de jovens atletas no processo de afirmação na carreira de jogadores profissionais de futebol, em consonância com a desigualdade social instaurada no contexto brasileiro. A pesquisa de natureza qualitativa, crítico-descritiva, foi realizada em clube profissional do estado de São Paulo. Um questionário foi aplicado em 32 adolescentes das categorias sub-11, sub-13 e sub-15. Posteriormente, entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 12 adolescentes. Parcela expressiva dos participantes (78,10%) está vinculada aos estratos sociais inferiores. Com relação às expectativas que os motivam a buscar a profissionalização, identificou-se ênfase na dimensão financeira, diante da possibilidade de garantirem melhor condição social e econômica aos familiares.

**Palavras-chave:** Futebol; Expectativas; Desigualdade Social; Profissionalização.

### SOCIAL INEQUALITY, DIFFICULTIES AND EXPECTATIONS OF BASE CATEGORY PLAYERS WITH PROFESSIONAL FOOTBALL

**Abstract:** In this investigation, were analyzed the difficulties and expectations of young athletes in the process of assertion in the career of professional football players, in line with the social inequality established in the Brazilian context. The qualitative, critical-descriptive research was carried out in a professional club in the state of São Paulo. A questionnaire was applied to 32 adolescents in the sub-11, sub-13 and sub-15 categories. Subsequently, semi-structured interviews were conducted with 12 adolescents. A significant portion of the participants (78.10%) is linked to lower social strata. Regarding the expectations that motivate them to seek professionalization, an emphasis was placed on the financial dimension, given the possibility of ensuring better social and economic conditions for your family.

**Keywords:** Football; Expectations; Social inequality; Professionalization.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Educação Física pela Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, São Paulo, Brasil. E-mail: [hugosarat@hotmail.com](mailto:hugosarat@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Presidente Prudente, São Paulo, Brasil. Docente do Departamento de Ciências do Movimento Humano – DMO e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM), Paraná, Brasil. E-mail: [mvfrancisco@uem.br](mailto:mvfrancisco@uem.br)

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Marília, São Paulo, Brasil. Realizou Pós-doutoramento em Educação pela Universidade do Oeste Paulista – Unoeste, São Paulo, Brasil. Fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Atualmente é Professora do Instituto Federal Goiano - IFG, Campus de Morrinhos, Goiás, Brasil. E-mail: [patriciapiovezan8@hotmail.com](mailto:patriciapiovezan8@hotmail.com)

## Introdução

O futebol é uma das manifestações culturais mais expressivas na realidade brasileira, sendo capaz de mobilizar pessoas e produzir sentimentos, desejos e paixões (MELO, 2000; SOARES *et al*, 2011). Luz *et al.*, (2015) apontam que o futebol moderno surgiu na Inglaterra. “Foi nas escolas da burguesia inglesa que, primeiramente, se organizaram as regras do futebol moderno. O esporte fora introduzido como forma de controlar os impulsos dos jovens, preparando os futuros líderes do imenso Império Britânico” (MELO, 2000, p. 15).

O futebol, inicialmente, foi difundido nas escolas direcionadas às camadas mais ricas da população, passando a ser praticado também nos clubes da burguesia. No que tange ao contexto brasileiro, há distintas versões sobre sua chegada ao país, nos anos finais do século XIX, sendo a primeira baseada na figura de Charles Miller que ao retornar ao Brasil, após período de estudos na Inglaterra, em 1894 trouxe bolas de futebol e organizou os primeiros jogos entre os sócios do São Paulo Athletic Club. Outra hipótese é que o futebol, num primeiro momento, foi difundido pelos colégios de jesuítas, tendo em vista a mudança de postura da igreja católica com relação às atividades corporais, não mais vistas como pecaminosas (MELO, 2000).

Difundido em todos os continentes, a mundialização do futebol é consequência da globalização contemporânea, que “[...] na forma atualmente dominante do capitalismo de mercado livre, trouxe também um aumento espetacular e potencialmente explosivo das desigualdades sociais e econômicas, tanto no interior dos países quanto internacionalmente” (HOBSBAWM, 2007, p. 56). Desigualdade frisada no Brasil, haja vista o papel do país no ‘mercado da bola’, cujo atributo de exportador de jogadores “[...] depende das próprias estruturas preexistentes do futebol brasileiro, anteriores à intensificação das transformações geradas pela globalização” (ALVITO, 2006, p. 453).

Integrado à cultura brasileira, o futebol também é um meio de descontração, lazer e promoção à saúde, embora muitas crianças e adolescentes adotem “perspectivas de se tornarem profissionais bem sucedidos e a partir” do futebol, “obterem estabilidade financeira e reconhecimento” (ARAÚJO; FERREIRA; OLIVEIRA, 2008, p. 1).

O senso-comum tende a fazer um pré-julgamento dos jogadores de futebol, ao difundir a ideia de que todos são ricos, porém a maioria dos profissionais vinculados às principais divisões, no Brasil, ganha cerca de R\$1.000,00 (aproximadamente um salário mínimo). Porém, tais aspectos parecem não minimizar o sonho de vários garotos tornarem-se atletas profissionais (SOARES *et al.* 2011; DANTAS, 2014; LUZ *et al.*, 2015).

Guerra e Souza (2008) salientam, entretanto, que tornar-se um bom jogador com várias seções de treinamento não é o suficiente para chegar ao profissionalismo. Fatores como a falta de empresários, incentivo financeiro e condições estruturais dos clubes acabam distanciando muitos sonhos.

Anjos, Saneto e Oliveira (2012, p.131) reforçam que os meninos que buscam o sonho da inserção no futebol profissional, "[...] são oriundos dos estratos sociais de operários que, embora tenham distinções profissionais, se assemelham na baixa qualificação para o trabalho". Muitos jovens, no contexto brasileiro, por vivenciarem intensamente os reflexos da desigualdade social, e diante do não sucesso profissional dos pais, fazem dos estudos um plano B, buscam no futebol uma solução para os problemas financeiros.

De acordo com Anjos, Saneto e Oliveira (2012) são raros os exemplos de pessoas que conseguiram ascensão no campo profissional, com boa remuneração, provenientes das camadas sociais de classe baixa. Muitos adolescentes são instados mediante projeto familiar e de ascensão social, a atingir o status simbólico da profissão na busca por sucesso e dinheiro (RIAL, 2008; DANTAS, 2014).

Estudos, família, mídia e empresários são figuras a serem analisadas na trajetória de busca pela profissionalização no futebol. Anjos, Saneto e Oliveira (2012) averiguaram, por exemplo, a visão de endeusamento dos empresários, por parte dos adolescentes, já que eles são os responsáveis pela criação de um mercado atrelado às movimentações financeiras e expectativas de sucesso.

A partir das ponderações apresentadas, nesta investigação, delinear-se as seguintes problemáticas: qual o perfil socioeconômico de adolescentes que frequentam as categorias de base de time de futebol? Quais expectativas os motivam a frequentar tais espaços? Quais as maiores dificuldades, a fim de atingir a profissionalidade? Possuem outras perspectivas futuras? Qual a importância da

família nesse processo?

Por meio desta investigação analisaram-se as dificuldades e expectativas de jovens atletas no processo de afirmação na carreira de jogadores profissionais de futebol, em consonância com a desigualdade social instaurada no contexto brasileiro. Como objetivos específicos assumiram-se: identificar o perfil socioeconômico de adolescentes da categoria de base de um clube de futebol; analisar os aspectos sociais que dificultam a realização do sonho de alcançarem a profissionalização; identificar os elementos sociais que levam jovens do sexo masculino à procura do futebol como forma de ascensão social; averiguar se os jovens da categoria de base possuem outras perspectivas, para além do futebol; e identificar o papel atribuído à família nesse processo.

## **Metodologia**

A pesquisa de natureza qualitativa, de caráter crítico-descritivo, é composta por duas dimensões, quais sejam, os dados precisam ser descritos e explicados; acrescido ao fato de que podem ser analisados de diversas formas sem se prender apenas a quantificação do fenômeno (GIBBS, 2009).

A pesquisa foi desenvolvida num clube profissional, localizado num município de médio porte do interior do estado de São Paulo. Foram convidados a participar do estudo todos os atletas das categorias sub-11 (20), sub-13 (20) e sub-15 (20), ou seja, 60 jovens. Termos de Assentimento (TA) e de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foram entregues aos adolescentes, bem como aos responsáveis, a fim de autorizarem a participação dos mesmos na investigação<sup>4</sup>.

Desses, 32 (53,33%) apresentaram os respectivos termos (participantes da pesquisa). É oportuno frisar que 16, 08 e 08 jovens, respectivamente, estavam vinculados às categorias sub- 11, sub-13 e sub-15.

### **Quadro 01 – Participantes da pesquisa**

<b>Participantes</b>	<b>Categorias</b>	<b>de</b>	<b>Renda Familiar</b>	<b>Questionário</b>	<b>Entrevistas</b>
----------------------	-------------------	-----------	-----------------------	---------------------	--------------------

<sup>4</sup> Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, tendo o nº CAAE: 24256719.0.0000.5515.

	<b>Base</b>			
01	Sub-11	5.000,00	Sim	Não
02	Sub-11	4.000,00	Sim	Não
03	Sub-11	5.000,00	Sim	Não
04	Sub-11	3.135,00	Sim	Não
05	Sub-11	3.500,00	Sim	Não
06	Sub-11	7.000,00	Sim	Não
07	Sub-11	1.500,00	Sim	Sim
08	Sub-11	7.000,00	Sim	Sim
09	Sub-11	5.000,00	Sim	Não
10	Sub-11	4.000,00	Sim	Não
11	Sub-11	1.000,00	Sim	Sim
12	Sub-11	7.000,00	Sim	Não
13	Sub-11	Sem Renda	Sim	Não
14	Sub-11	3.000,00	Sim	Não
15	Sub-11	3.000,00	Sim	Não
16	Sub-11	8.000,00	Sim	Sim
17	Sub-13	17.000,00	Sim	Sim
18	Sub-13	4.000,00	Sim	Não
19	Sub-13	5.500,00	Sim	Não
20	Sub-13	1.000,00	Sim	Sim
21	Sub-13	4.000,00	Sim	Não
22	Sub-13	5.000,00	Sim	Não
23	Sub-13	2.400,00	Sim	Sim
24	Sub-13	10.000,00	Sim	Sim
25	Sub-15	5.500,00	Sim	Não
26	Sub-15	4.000,00	Sim	Não
27	Sub-15	2.500,00	Sim	Não
28	Sub-15	7.000,00	Sim	Sim
29	Sub-15	3.000,00	Sim	Sim
30	Sub-15	3.000,00	Sim	Não
31	Sub-15	5.000,00	Sim	Sim
32	Sub-15	2.000,00	Sim	Sim

Fonte: Pesquisa de campo (2020).

Para o processo de coleta de dados duas fases foram empreendidas. Num primeiro momento os 32 adolescentes que apresentaram os termos responderem a um questionário no Google Forms, a fim de se identificar aspectos relacionados às expectativas e dificuldades encontradas no processo de busca pela ascensão profissional. Em função da pandemia de Coronavírus (Covid 19), os questionários foram enviados por *e-mail*.

Posteriormente, entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 12 adolescentes, a fim de aprofundar as análises sobre os impactos da desigualdade social nesse processo. Os jovens foram selecionados mediante o seguinte critério de inclusão: dois adolescentes de cada uma das categorias que apresentaram as menores rendas familiares e dois adolescentes de cada uma das categorias que apresentaram as maiores rendas familiares.

Dos 12 pré-selecionados, nove participaram das entrevistas, agendadas de forma remota, e três meninos não deram retorno, um da categoria sub-11(maior renda) e dois da categoria sub-15 (maior e menor renda). Assim, outros três jovens atletas foram selecionados de acordo com os critérios anteriormente definidos.

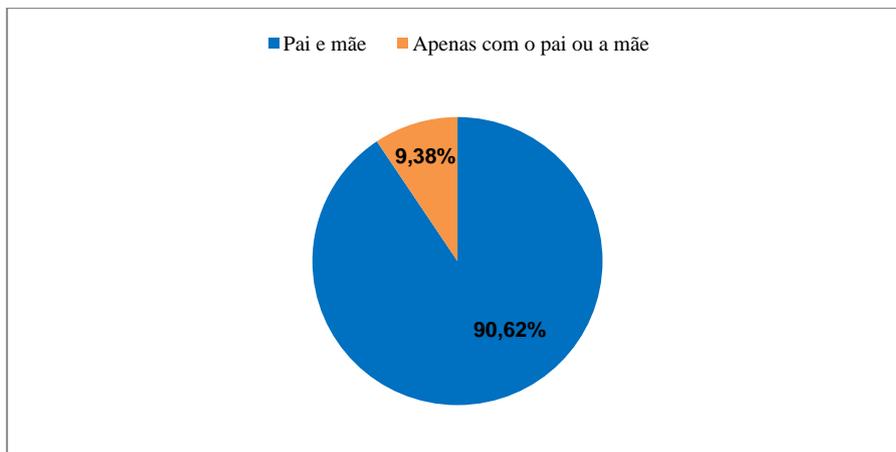
De posse dos dados coletados, os mesmos foram analisados por meio da criação das seguintes unidades analíticas: adolescentes que sonham com a carreira de jogador profissional de futebol: caracterização dos participantes, motivações e aspirações; limites para que ocorra a afirmação profissional como jogadores de futebol x perspectivas futuras. As referidas foram problematizadas por meio do diálogo com literaturas científicas que fazem uma análise crítica da temática do futebol, ao adotarem uma compreensão dos determinantes sociais, diante das múltiplas determinações que o constituem como espetáculo esportivo.

Os dados serão apresentados em duas grandes unidades analíticas, adolescentes que sonham com a carreira de jogador profissional de futebol: caracterização dos participantes, motivações; limites para que ocorra a afirmação profissional como jogadores de futebol x perspectivas futuras.

### **Adolescentes que sonham com a carreira de jogador profissional de futebol: caracterização dos participantes, motivações e aspirações**

Com relação à vinculação familiar, gráfico 01, é possível perceber que a maioria dos participantes (90,62%) reside com o pai e a mãe. Apenas 9,38% não possuem uma das duas figuras na constituição familiar.

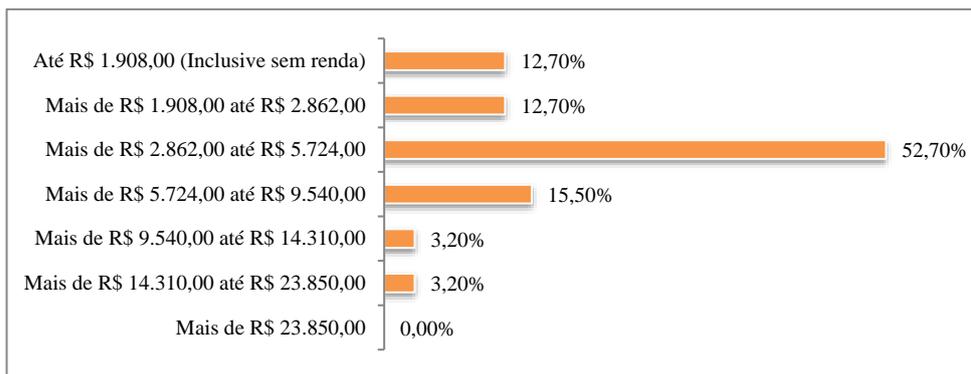
### Gráfico 01 – Vinculação familiar



Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

No que tange à o gráfico 02, é possível constatar que quatro (12,70%) apresentaram renda de até R\$1.908,00, quatro (12,70%) mais de R\$ 1.908,00 até R\$ 2.862,00, 17 (52,70%) mais de R\$ 2.862,00 até R\$ 5.724,00, cinco (15,50%) mais de R\$ 5.724,00 até R\$ 9.540,00, um (3,20%) mais de R\$ 9.540,00 até R\$ 14.310,00 e um (3,20%) apresentou renda de mais de R\$ 14.310,00 até R\$ 23.850,00.

### Gráfico 02 – Renda familiar



Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

De acordo com os dados apresentados e ao cotejá-los a partir da Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019), foi possível identificar que a maioria dos participantes (78,10%) se encontra vinculada às classes sociais mais desfavorecidas economicamente. Os valores de renda familiar apresentados no gráfico 02 são propostos pelo IBGE a partir da seguinte classificação, dos menores para os maiores valores: i) Classe baixa baixa, ii) Classe baixa média, iii) Classe baixa alta, iv) Classe média baixa, v) Classe média média, vi) Classe média alta, vii) Classe alta. Tais dados corroboram com os achados da investigação realizada por Marques e Samulski (2009), com 186 participantes, sendo que na ocasião 79,60% se encontravam vinculados aos estratos sociais inferiores.

Nas perguntas específicas sobre o futebol, por meio do questionário, 12 participantes (37,50%) apontaram que jogam o desporto de um a cinco anos, 19 (59,40%) vivenciam a modalidade de 6 a 10 anos e 01 (3,10%) joga a mais de 10 anos. Isso reflete que embora esses meninos sejam jovens (11, 13 ou 15 anos), o contato com a modalidade de futebol se faz presente há bastante tempo. Inclusive, nas entrevistas ao questioná-los sobre o que o futebol significava para eles, todos expressaram o quanto a manifestação esportiva, culturalmente, se faz presente em suas vidas, apresentando-se como possibilidade de realização profissional:

Para mim o futebol significa tudo, é o que eu mais gosto de fazer desde pequeno, meu presente preferido sempre foi a bola. (PARTICIPANTE 8, Sub-11, 2020).

Para mim futebol é uma religião, desde pequeno sempre joguei

campeonatos e me destacava desde então virou uma paixão para mim seria um sonho a ser realizado virar um jogador profissional. (PARTICIPANTE 28, Sub- 15, 2020).

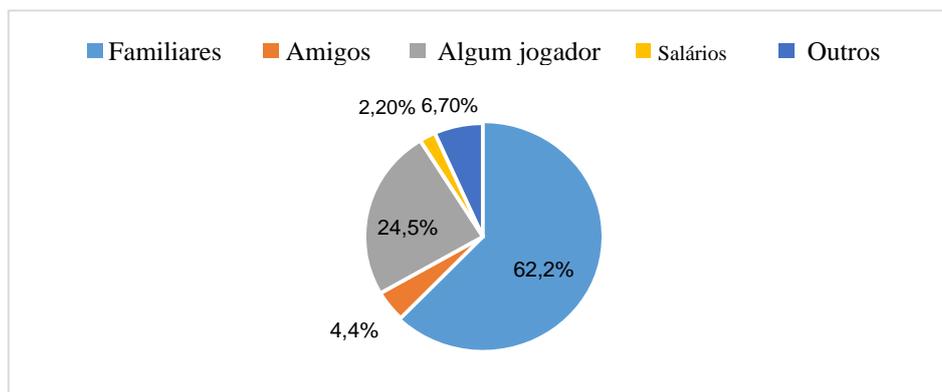
Para mim significa um futuro grandioso. (PARTICIPANTE 11, Sub-11, 2020).

O futebol é considerado a modalidade esportiva mais difundida e uma das principais fontes de identidade cultural no Brasil, aspecto que favorece a emergência desse cenário (MELO, 2000; GENO, 2010). Ao mobilizar e atrair milhares de pessoas, tal manifestação é capaz de criar um sentido de totalidade raramente encontrado em outras esferas da vida social (HELAL, 1996).

Dada à simplicidade do jogo e sua visibilidade intercontinental, acabou se tornando um esporte de massa. Com esse forte apelo, o futebol passou a ser espetacularizado, midiaticizado e comercializado mundialmente, ao movimentar cifras bilionárias (GENO, 2010; DANTAS, 2014). De acordo com Alvito (2006, p. 455), “foi a junção da TV e do *marketing* esportivo a responsável pela revolução econômica experimentada pelo futebol, por sua plena incorporação ao sistema capitalista”.

Na caracterização dos motivos que os impulsionam a buscar a carreira de jogadores de futebol, os participantes puderam eleger mais de uma resposta. Desta forma, os percentuais apresentados não se referem ao número de sujeitos da pesquisa, mas ao quantitativo de respostas do questionário. Assim, 28 participantes (62,20%) relataram que os familiares foram os maiores responsáveis, dois (4,40%) apontaram os amigos, 11 (24,5%) mencionaram algum jogador, um (2,2%) apontou os salários e três (6,7%) indicaram outros motivos além dos pré-definidos, tais como o professor da escolinha e interesse próprio.

### Gráfico 03 – Motivações na busca pela carreira de jogador de futebol



Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

Inclusive, nas entrevistas, tais dados puderam ser aprofundados, ocasião em que todos os entrevistados relataram a influência dos familiares, amigos e professores que se mostraram como grandes motivadores, a exemplo das seguintes falas:

Minha família inteira sempre foi ligada ao futebol, meu pai já jogou em base, e meu tio também, então tive influência deles [...] claro que já ouvi que não é uma boa ideia tentar tanto, porque a concorrência é grande, mas mesmo assim o amor que eu tenho pelo esporte fala mais alto. (PARTICIPANTE 24, Sub-13, 2020).

Minha família, mas principalmente meu pai porque desde pequeno ele sempre me incentivou nesse meu sonho. (PARTICIPANTE 28, Sub-15, 2020).

Minha família, amigos, parentes, professores sempre me apoiam, motivam e torcem por mim. Até hoje não houve ninguém que desestimulasse. (PARTICIPANTE 31, Sub-15, 2020).

Tais dados corroboram a literatura da área, com destaque para a família, instância de socialização primária e tida como uma das maiores incentivadoras para que os filhos busquem a carreira de jogadores de futebol. Inclusive, muitas famílias veem no futebol a possibilidade dos filhos auxiliarem no processo de superação da condição social e econômica que se encontram (ARAÚJO; FERREIRA; OLIVEIRA, 2008; ANJOS; SANETO; OLIVEIRA, 2012; DANTAS, 2014). Cria-se a ilusão de que todo jogador de futebol acumula fortunas.

O Participante 24 mencionou que a família, de forma mais objetiva, o alertou para as dificuldades nesse processo. De acordo com Marques e Samulski

(2009), as maiores dificuldades encontradas no processo de ascensão na carreira de jogador de futebol estão centradas em: conseguir conciliar as atividades de estudo com as sessões de treinamento, essas que requerem muita dedicação temporal; dificuldades financeiras para locomoção e compra de materiais esportivos, bem como de alimentação adequada. Acrescido a todos esses aspectos, tais jogadores precisam lidar com o distanciamento do meio familiar e social, sendo que muitos se submetem a viverem em alojamentos com situações precárias, sem contar que nem todos atingirão o sucesso e obterão altos salários (MARQUES; SAMULSKI, 2009).

Tais dados foram complementados com o questionamento feito aos participantes, com foco para o que almejam e/ou motivam conseguir por meio do futebol. As respostas sinalizaram, majoritariamente, a dimensão financeira, acrescido da possibilidade de terem uma vida estabilizada e ajudarem as famílias:

Um lucro muito bom para ajudar minha família. (PARTICIPANTE 11, Sub-11, 2020).

Conseguir vários patrimônios [...] Dar o troco que meu avô está gastando comigo e ajudar minha família (PARTICIPANTE 20, Sub-13, 2020).

Um meio de ajudar minha família e um emprego [...] Saber que todas as brigas que tem em casa por dinheiro, por exemplo, o futebol pode resolver e ainda eu vou estar fazendo a coisa que mais amo. (PARTICIPANTE 24, Sub-13, 2020).

Ter uma vida de sucesso, dando as melhores condições para minha família e o melhor fazendo o que eu gosto. (PARTICIPANTE 23, Sub-13, 2020).

Para conseguir dar uma vida melhor para os meus pais, ter uma vida financeira estabilizada e o principal, realizar meu sonho de jogar profissionalmente em algum time [...] (PARTICIPANTE 29, Sub-15, 2020).

Tais falas materializam a concepção de que o futebol seria capaz de prover recursos e garantir possibilidades, inclusive, o sustento de suas famílias, superando a condição social e desigual na qual se encontram. Porém, como salientado, esse não é um processo simples, haja vista que poucos são os casos de jogadores que recebem salários estratosféricos.

Nessa perspectiva, Soares *et al.* (2011) salientam que ao analisar o contexto brasileiro, os salários dos jogadores de futebol são baixos, se forem levados em

consideração os objetivos de mobilidade social e econômica da maioria dos jovens provenientes das camadas populares e médias.

Tal manifestação esportiva, na dimensão da profissionalidade, não diferente dos demais segmentos sociais, sofre com a precarização das condições de trabalho, intensificada nas últimas décadas. A precarização do trabalho é “[...] uma forma particular, assumida pelo processo de exploração do trabalho sob o capitalismo em sua etapa de crise estrutural [...] Não existem, nesse sentido, limites para a precarização, mas apenas formas diferenciadas de sua manifestação” (ANTUNES, PRAUN, 2015, p. 413), atingindo, inclusive, os jogadores de futebol.

Podem-se mencionar, como exemplo, os dados de 2016, apresentados pela Confederação Brasileira de Futebol - CBF (2016), ou seja, 82,40% dos jogadores profissionais de futebol (23.238) recebiam até um salário mínimo. Respectivamente, os seguintes salários e percentuais foram identificados: 13,68% recebiam entre R\$ 1.000,01 e R\$5.000,00 (3.859 jogadores); 1,35% recebiam entre R\$5.000,01 e R\$10.000,00 (381 jogadores); 1,77% recebiam cifras entre R\$10.000,01 e R\$50.000,00 (499 jogadores); 0,40% recebiam entre R\$50.000,01 e R\$100.000,00 (112 jogadores); 0,28% recebiam salários mensais entre R\$100.000,01 e R\$200.000,00 (78 jogadores); 0,12% atingiam salários entre R\$200.000,01 e R\$500.000,00. Há que se ponderar, inclusive, a expectativa que alguns participantes possuem com relação aos salários a serem obtidos:

Mais de 30 mil reais. (PARTICIPANTE11, Sub-11, 2020).

Em média uns 500 mil reais. (PARTICIPANTE 29, Sub-15, 2020).

Embora alguns tenham clareza que tudo dependerá da equipe em que atuarão e do momento em que se encontrarão, há ainda, exemplos de falas que evidenciam uma concepção sincrética sobre o assunto, ao não possuírem respostas mais precisas para tal questionamento ou de que mesmo recebendo apenas um salário mínimo, como a maioria dos jogadores das divisões de acesso à elite do futebol:

Depende muito do clube que o jogador está, muitos de clubes pequenos

ganha apenas um salário mínimo e outros de clubes maiores ganham mais. Apenas 10% dos jogadores ganham mais de 100.000 reais. (PARTICIPANTE 28, Sub-15, 2020).

Sim, acho que independente de ser um valor muito alto ou muito baixo, o sonho de ser jogador profissional vai muito além disso! Só de você poder ganhar dinheiro, se manter realizando seu sonho, é o mais importante (referência a ganhar até um salário mínimo). (PARTICIPANTE 29, Sub-15, 2020).

Não tenho ideia. (PARTICIPANTE 16, Sub-11, 2020).

Não tenho noção sobre esse assunto. (PARTICIPANTE 8, Sub-11, 2020).

Com relação a possuírem empresários, dos 32 participantes da primeira etapa da pesquisa, apenas um possui empresário. Assim, ao serem questionados sobre a importância de um empresário, 18 (56,25%) apontaram que os empresários são os responsáveis por abrir portas em clubes de maior expressão, 13 (40,63%) veem na figura dos empresários, aqueles que cuidarão dos fatores administrativos e financeiros dos atletas e apenas um (3,12%) apontou não considerar necessário um empresário. Tais dados puderam ser aprofundados nas entrevistas semiestruturadas, na sequência, são apresentados exemplos de falas:

Eu penso que a importância de um empresário na vida de um atleta é importante, porque enquanto o atleta está focado em ajudar o clube, o empresário está trabalhando para o futuro profissional. Na questão de um clube bem estruturado e também na questão financeira para a vida do atleta e da sua estabilidade familiar. (PARTICIPANTE 7, Sub-11, 2020).

Acho importante para estreitar o caminho entre jogador e clube, porém ainda não possuo. (PARTICIPANTE 23, Sub-13, 2020).

Acho muito bom, pois é uma ajuda de uma pessoa que tem bem mais conhecimento nessa área, coisas que não sabemos, e através dele também, surge as oportunidades [...] Ainda não tenho nenhum empresário, mas pretendo [...]. (PARTICIPANTE 29, Sub-15, 2020).

Os empresários são os profissionais que viajam o país a fim de encontrar jovens atletas que possam ser negociados como futuras promessas de sucesso em uma determinada modalidade esportiva. No caso do futebol, de acordo com Guerra e Souza (2008), eles buscam meninos sem vínculo contratual com outros empresários e/ou time de futebol. Quando se interessam por algum jovem, entram em contato com as famílias e oferecem casa, emprego aos pais, escola

particular, planos de saúde, dentre outros benefícios, em troca de uma procuração que lhes conceda autorização para, em nome dos pais/responsáveis, assinarem contratos de trabalho ou estágio em clubes do Brasil e do exterior (BOUDENS, 2002; GUERRA; SOUZA, 2008). Complementam Guerra e Souza (2008), os empresários são profissionais independentes, fazem as transações de atletas diretamente com os clubes. Essa atividade é regulamentada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) desde 1990.

No atual cenário, tornou-se indispensável aos jovens que anseiam se tornar jogadores profissionais à vinculação com empresários. Sem o aval de alguém que possua relações com técnicos e clubes de expressão nacional e internacional, as chances de acesso ficam minimizadas. (GUERRA; SOUZA, 2008).

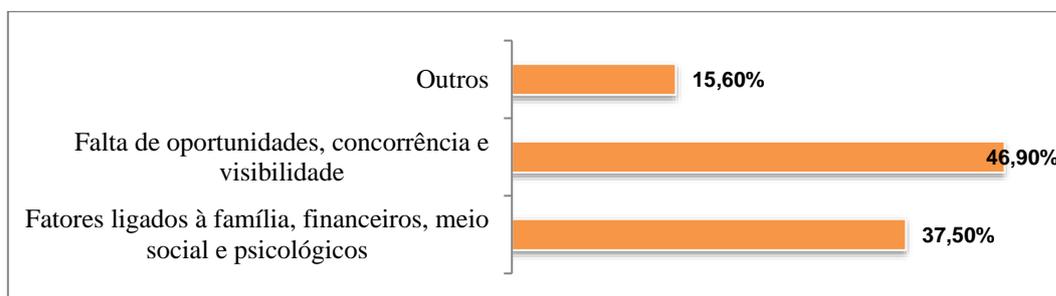
É oportuno problematizar que se por um lado eles podem mediar esse processo de atletas com os clubes, por outro, muitos jogadores se tornam totalmente dependentes, ficando a mercê dos empresários. Inclusive, Dantas (2014, p. 10) resgata que, a partir da Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998 (BRASIL, 1998), conhecida como Lei Pelé, houve o fim do passe decretado e da ausência de “obrigatoriedade de as agremiações se transformarem em clubes-empresa”.

Conforme Dantas (2014, p. 11), na atualidade o futebol tem-se materializado em consonância com a flexibilização das relações trabalhistas impostas pela racionalidade neoliberal. Por mais que se tenha centralizado “no jogador o poder de decidir por qual clube jogar”, é oportuno não perder de vista que “os clubes garantem uma porcentagem na negociação dos contratos de trabalho, continuando no controle, agora descentralizado, dividido também com os agentes e os investidores”. Assim, há a construção explícita, em parceria com os jogadores, de uma “empresa de capital aberto, na qual o próprio atleta é o produto que, geralmente, recebe uma parte minoritária dos rendimentos” (DANTAS, 2014, p. 11).

### **Limites para que ocorra a afirmação profissional como jogadores de futebol x perspectivas futuras**

Na primeira etapa da pesquisa, questionados sobre o processo de afirmação na carreira de futebol, os participantes foram unânimes ao afirmar que não está sendo fácil, conforme o gráfico 04. 12 participantes (37,50%) relataram que as maiores dificuldades estão ligadas aos fatores de ordem familiar, com destaque para o meio social, aspectos financeiros e pressão psicológica para alavancar a carreira. Outros 15 participantes (46,90%) sinalizaram a ausência de oportunidades, visibilidade e a concorrência.

#### **Gráfico 04 - Dificuldades no processo de afirmação na busca pela carreira de jogadores profissionais de futebol**



Fonte: Pesquisa de Campo, 2020.

Posteriormente, nas entrevistas, tais dados vieram à tona, novamente, como se pode constatar nas seguintes falas:

Não tem sido fácil. Tenho que trabalhar duro para conseguir chegar lá. (PARTICIPANTE 17, Sub-13, 2020).

Difícil, por causa de já ter que fazer escolhas muito importantes mesmo com pouca idade, e a concorrência que o futebol tem. (PARTICIPANTE 24, Sub-13, 2020).

É difícil, devido à falta de oportunidades e, algumas vezes, estrutura. (PARTICIPANTE 23, Sub-13, 2020).

Venho trabalhando para isso e não tem sido muito fácil, pois temos no futebol de base muitos garotos fortes e com grandes empresários. (PARTICIPANTE 28, Sub-15, 2020).

Convergindo com tais dados, Guerra e Souza (2008) apontam existir uma grande concorrência na busca pela carreira de jogadores profissionais de futebol. São milhares de crianças que vivenciam esse árduo processo, somados as

dificuldades de ordem financeira, que a maioria apresenta, a fim de custearem a busca por esse sonho. Daí a importância da família ser apoiadora e incentivadora desse processo, porém deverão adotar uma leitura crítica e real das determinações objetivas que cercam a carreira de jogador de futebol, a exemplo dos dados apresentados na seção anterior, a fim de que saibam, inclusive, lidar com possíveis frustrações caso a carreira não engrene.

Embora tenham apresentado, durante as entrevistas, posicionamentos de que não se sintam desmotivados, contraditoriamente, criticaram a desigualdade de oportunidades e problemas de relações interpessoais que promovem certo desânimo:

Ah acho que atitudes de algumas pessoas do meio, como falta de oportunidade, mesmo você e o treinador sabendo que você merece. (PARTICIPANTE 24, Sub-13, 2020).

Acho que a desigualdade e falta de humildade. (PARTICIPANTE 29, Sub-15, 2020).

Quando penso que existe pessoas de má fé envolvidas no futebol. Mas, mesmo com esse pequeno obstáculo, eu pretendo continuar avançando para o meu sonho. (PARTICIPANTE 7, Sub-11, 2020).

Durante as entrevistas foi perguntado até quando os adolescentes pretendem buscar esse sonho e as justificativas para tal. Uma parcela expressiva (50,00%) mencionou dos 17 aos 20 anos de idade, já que serão chamados a assumir responsabilidades no sustento de suas famílias ou diante da necessidade de cursarem uma faculdade.

Penso que até os 18 anos, pois passado essa fase tenho que trabalhar para ajudar minha família. (PARTICIPANTE 31, Sub-15, 2020).

Pretendo tentar até uns 20 anos, porque depois dessa idade as chances são bem menores. (PARTICIPANTE 17, Sub-13, 2020).

Até quando eu tiver oportunidade vou estar tentando, porque é meu sonho e é o que gosto de fazer. (PARTICIPANTE 23, Sub-13, 2020).

Por volta de uns 17 ou 18 anos. Porque acredito que depois dos 20 seria praticamente impossível me tornar um jogador profissional. (PARTICIPANTE 28, Sub-15, 2020).

É fato que as chances diminuem para os atletas mais velhos, sobretudo porque os clubes preferem meninos novos, a fim de se buscar maior rentabilidade com seus contratos. Há uma indústria de formação de jogadores, no Brasil, a fim de se atender o mercado interno e externo, no qual a matéria prima, em geral, são jovens entre os 12 e 16 anos de idade (SOARES *et al.*, 2011). Para Alvito (2006, p. 451), “na nova ordem do futebol mundial a parte que cabe ao Brasil é a de formador de ‘pés-de-obra’ para serem oferecidos ao mercado internacional”. Além disso, também existe a influência de fatores fisiológicos, já que com o passar dos anos há uma diminuição das capacidades físicas, somado a suscetibilidade de aparecerem lesões (ALMEIDA *et al.*, 2013).

Porém, chama atenção a fala do Participante 31, quando mencionou a necessidade de auxiliar no sustento da família. Essa é a realidade de muitos jovens, os quais, muitas vezes, são obrigados, inclusive, a submeterem-se ao trabalho infanto-juvenil, na expectativa de auxiliarem suas famílias. Coutinho, Alves e Santos (2020) denunciam que o número de adultos desempregados ou na informalidade é cada vez maior, expressões da desigualdade social, aspecto que reflete nas condições materiais de existência da classe trabalhadora no Brasil.

Melo, Silva e Silva (2019, p. 11) reiteram que muitas crianças e adolescentes nessa condição “são impedidas de desfrutar dos direitos a eles inerentes, de uma educação de qualidade, saúde, lazer [...] inclusive, de desenvolverem suas potencialidades e de usufruírem, por sua vez, das atividades recreativas e educativas” produzidas historicamente pelo gênero humano. Assim, é oportuno frisar que, ainda na primeira etapa da investigação, ao serem questionados, caso a carreira de jogador profissional de futebol não se concretizasse, 29 participantes (90,60%) sinalizaram possuir outros planos, inclusive, com possibilidades de cursarem uma faculdade. Todavia, três participantes (9,40%) não apresentaram nenhuma perspectiva para além do futebol. Esses dados foram aprofundados nas entrevistas, ocasião em que os participantes mencionaram:

Sim, alguma profissão ligada ao esporte como professor de Educação Física ou técnico de futebol [...] Nada definido, mas será alguma ligada à área de esporte (referência a qual faculdade cursar). (PARTICIPANTE 23, Sub-13, 2020).

Pretendo continuar meus estudos e ser um médico na área esportiva ou fisioterapeuta [...] Não penso ainda em faculdades só um pouco mais para frente. (PARTICIPANTE 28, Sub-15, 2020).

Não possuo, mas se não se concretizar irei buscar algo vinculado ao esporte [...] Caso não seja jogador profissional, farei faculdade de Fisioterapia. (PARTICIPANTE 31, Sub- 15, 2020).

Sonho, sonho, não tenho, somente o futebol, mas se caso não conseguir, tentarei na área de tecnologia que é algo que me interessa também. (PARTICIPANTE 29, Sub-15, 2020).

Sonho não, mas eu tenho planos, pretendo fazer faculdade [...] Sim, não sei ainda, mas provavelmente Educação Física ou Ciências Contábeis. (PARTICIPANTE 24, Sub-13, 2020).

Sim, Direito ou Educação Física. (PARTICIPANTE 17, Sub-13, 2020).

Três aspectos merecem atenção a partir dos dados levantados, o primeiro refere-se aos adolescentes que não apresentaram nenhum projeto futuro de vida para além do futebol. É válido registrar, novamente, a busca de ascensão no futebol profissional é um sonho de muitos, então a concorrência é grande. O segundo aspecto refere-se aos que ingressam nessa área, mas que por possuírem uma trajetória curta (em média 35 anos de idade no máximo), quando encerram suas carreiras apresentam dificuldades de profissionalização e/ou inserção no mercado de trabalho. Muitos não terminaram os estudos, não possuem um curso de capacitação, a única coisa que sabem fazer é jogar o futebol (PIMENTA, 2008; ANJOS; SANETO; OLIVEIRA, 2012; DANTAS, 2014).

No que tange ao terceiro aspecto, muitos desses jovens atletas veem no curso de Educação Física a oportunidade de alguma forma se vincular ao universo esportivo e/ou do futebol. Razeira *et al.* (2014) identificaram movimento semelhante em sua investigação, quase 70,00% dos participantes apresentaram como motivação para a escolha do curso de Educação Física o gosto pelas manifestações esportivas. Inclusive, tais manifestações esportivas, em muitos casos, estão ligadas às experiências anteriores dos sujeitos (RAZEIRA *et al.*, 2014; TERRÃO; RODRIGUES, 2020).

Sobre a atividade de estudos, foi perguntado como eles consideravam sua trajetória escolar. Todos apontaram serem bons, cumprindo o requerido por seus/suas professores/as, além de obterem boas notas, sendo necessário conciliar com a vida de atletas.

Considero importante, pois me ajuda na formação de um bom cidadão dentro e fora de campo. (PARTICIPANTE 31, Sub-15, 2020).

Muito boa, por que nunca tive problemas com notas e nem com falta de respeito com professores, por exemplo, sempre fui o típico aluno exemplar. (PARTICIPANTE 24, Sub-13, 2020).

Boa, porque se não tiver notas boas prejudica se tonar um jogador profissional. (PARTICIPANTE 20, Sub-13, 2020).

Muito boa, sempre fui um bom aluno e dedicado aos estudos. (PARTICIPANTE 8, Sub-11, 2020).

Esse é um aspecto importante, não desfocar da educação escolar, em especial, porque é por seu intermédio que os estudantes poderão se apropriar e objetivar dos conhecimentos científicos produzidos pelo gênero humano, os quais poderão, inclusive, auxiliá-los a compreender as nuances relacionadas ao futebol ou até mesmo a condição na qual se encontram ou se posicionarem de forma efetiva no combate a desigualdade social e no processo de transformação das relações sociais (DUARTE, 2019; ZUCK; BORTOLOTO, 2019; SILVA; PEREIRA; FRANCISCO, 2020).

Sobre a desigualdade social no meio futebolístico, quando perguntado se percebiam tal dimensão, nove dos 12 entrevistados sinalizaram que sim. Algo curioso foi que apenas os meninos mais novos da categoria Sub-11 sinalizaram não haver desigualdade no meio futebolístico.

Sim, porque uns ganham pouco e outros muito dinheiro. (PARTICIPANTE 11, Sub-11, 2020).

Sim, os atletas com mais dinheiro têm mais chances de conseguir participar de torneios e de fazer testes. (PARTICIPANTE 17, Sub-13, 2020).

Sim, eu acho que em clubes grandes tem um esquema para quem tem mais dinheiro ou alguma influência externa. (PARTICIPANTE 24, Sub-13, 2020).

Sim, porque existem meninos com condições melhores como alimentação e comprar chuteiras [...], e outros que não tem condições financeiras. (PARTICIPANTE 28, Sub-15, 2020).

Infelizmente sim, muitas vezes o nível de dois jogadores é compatível, mas na questão de salarial é desigual. (PARTICIPANTE 31, Sub-15, 2020).

Não, porque o futebol é uma avaliação como se fosse um processo seletivo onde nem todos são aprovados. Então, na minha opinião, tanto pode passar nesse processo um garoto da classe baixa como um garoto da classe alta. (PARTICIPANTE 7, Sub-11, 2020).

Acho que não, vai da dedicação de cada um e o futebol é um dos esportes que mais dá oportunidade para diferentes classes sociais. (PARTICIPANTE 8, Sub-11, 2020).

Tais dados reforçam que a desigualdade social também se materializa no universo futebolístico e não poderia ser diferente, pois a referida manifestação esportiva não está apartada das relações sociais, é mediada, inclusive, por ela. E com relação às falas dos participantes mais jovens, é oportuno reafirmar o papel da educação escolar, a fim de que eles possam avançar por meio de processos catárticos da síntese à síntese na compreensão da prática social. (DUARTE, 2019; ZUCK; BORTOLOTO, 2019; SILVA; PEREIRA; FRANCISCO, 2020).

### **Considerações finais**

Em linhas gerais, conclui-se que, o perfil socioeconômico da parcela expressiva desses jovens atletas que buscam a ascensão no futebol profissional é limitado. Na primeira etapa da pesquisa (aplicação dos questionários) e nas entrevistas semiestruturadas, o papel central foi concedido às famílias, ao mencioná-las como uma das incentivadoras para que busquem a carreira de jogadores de futebol.

No que tange às expectativas que os motivam a perseguir o sonho de se profissionalizarem, por meio das entrevistas, majoritariamente, sinalizaram a dimensão financeira, diante da possibilidade de oportunizarem a família uma melhor condição social e econômica. Todavia, esse não é um processo simples, haja vista que poucos são os casos de jogadores que recebem salários estratosféricos, com destaque para a precarização das condições de trabalho, intensificada na última década.

Quase todos os participantes possuem outros planos, caso não consigam emplacar a carreira de jogador de futebol, com destaque para os que mencionaram o ensino superior, em especial, por meio de cursos que foquem na

dimensão esportiva. Preocupante foram os casos dos que mencionaram não pensar em outras possibilidades, além de não explicitarem outros projetos futuros de vida.

Posto isso, defende-se o papel da educação escolar, a fim de que os estudantes se apropriem e objetivem dos conhecimentos científicos produzidos pelo gênero humano, os quais poderão auxiliá-los na compreensão das nuances e dos determinantes sociais e culturais relacionadas à produção e difusão do futebol. Além disso, poderão compreender de forma sintética a posição social que ocupam e aspectos relacionados à vida humana em sua totalidade.

## Referências

ALMEIDA, Pedro Sávio Macedo de; SCOTTA, Ângelo Pontes; PIMENTEL, Bárbara de Mattos; BATISTA JÚNIOR, Sedenir; SAMPAIO, Yasmin Rodrigues. Incidências de lesão musculoesquelética em jogadores de futebol. **Rev. Bras. Med. Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 112-115, mar./abr. 2013.

ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**, Lisboa, n. 179, p. 451-474, 2006. Disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732006000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 jan. 2021.

ANJOS, José Luiz dos; SANETO, Juliana Guimarães; OLIVEIRA, Andreia Anchieta. Futebol, imagens e profissionalização: a bola rola nos sonhos dos adolescentes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 125-147, jan./mar. 2012.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282015000300407&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282015000300407&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 Jan. 2021.

ARAÚJO, David Marcos Emérito; FERREIRA, Marcus Vinicius Nascimento; OLIVEIRA, Willker Rangell Soares de. Expectativas de crianças e adolescentes que frequentam escolinhas de futebol. In: ENCONTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ÁREAS AFINS NÚCLEO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA (NEPEF). 2008, 3. **Anais...** Universidade Federal do Piauí, 2008. p. 1-5.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. **Diário Oficial**. Brasília-DF, 25 mar. 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9615consol.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm) Acesso em: 14 ago. 2021.

BOUDENS, Emile. **Medidas de Prevenção à saída do País de atletas**

**menores de idade.** Brasília: Câmara dos Deputados. CPI CBF/Nike: Textos e Contexto IV, 2002.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL – CBF. **Raio-X do futebol:** salário dos jogadores. Publicado em 23 fev. 2016. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores>. Acesso em: 10 dez. 2020.

COUTINHO, Dalsiza Cláudia Macedo; ALVES, Giséli Ferreira; SANTOS, Rosemeire dos. Trabalho e desemprego no capitalismo: reflexões para o Serviço Social. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 47, p. 129-150, mai./ago. 2020. Disponível em: [http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ\\_47\\_art\\_6.pdf](http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_47_art_6.pdf). Acesso em: 28 jan. 2021.

DANTAS, Marina de Mattos. Pequenas empresas, grandes negócios: os anônimos do futebol profissional brasileiro. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v. 9, n. 23, p. 1-16, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/49208> Acesso em: 15 ago. 2021.

DUARTE, Newton. Dialectics of the concrete and historical-critical pedagogy in Brazil. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 16, n. 2, p. 68-78, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3041>. Acesso em: 10 dez. 2020.

GENO, Francisco Carvalho. Fenômeno do futebol, o torcer globalmente. **Revista Acadêmica ComUnigranrio**, Rio de Janeiro. v.2, n.2, p. 1-12, jan./dez. 2010.

GIBBS, Grahlan. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUERRA, Rafael Augusto Penteado; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol. **Rev. Bras. Futebol**, Viçosa, v. 1, n. 02, p. 30-37, jul./dez. 2008.

HELAL, Ronaldo George. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018: primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LUZ, Denise Corrêa da; PUGLIESE, Gisele; CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; LISE, Riqueldi Straub. Do amadorismo ao futebol-espetáculo: uma reflexão acerca dos clubes de futebol brasileiros. **The Journal of the Latin**

**American Socio-cultural Studies of Sport**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 34-45, 2015.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, p. 103-119, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16714> Acesso em: 15 ago. 2021.

MELO, Victor Andrade de. Futebol: que história é essa ?!. *In*: CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 11-28.

MELO, Tatiane Cravo de; SILVA, Everton Melo da; SILVA, Jociane Pinheiro. Expressões do trabalho infanto-juvenil no Brasil: marcas pretéritas perversas que persistem na sociabilidade do capital. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS, 16, 2019, Brasília. **Anais...** Brasília: CBAS, 2019. p. 1-13. Disponível em: <http://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/120>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. O sonho na sociedade contemporânea: juventude e futebol. **Ponto-e- vírgula**, São Paulo, v. 3, n.1, p. 112-129, jan./jun. 2008.

RAZEIRA, Mauricio Berndt; TAVARES, Francisco José Pereira; PEREIRA, Flávio Medeiros; RIBEIRO, José Antonio Bicca; MACHADO, Carla Rosane Carret. Os motivos que levam à escolha do curso de licenciatura em Educação Física e as pretensas áreas de atuação. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 124-136, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/4797>. Acesso em: 10 dez. 2020.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./ dez. 2008.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; COSTA, Felipe Rodrigues da; BARTHOLO, Tiago Lisboa; BENTO, Jorge Olímpio. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

SILVA, Wellington Lima; PEREIRA, Luis Felipe Chaves; FRANCISCO, Marcos Vinicius. Obesidade e sedentarismo no ensino médio: uma proposta de intervenção nas aulas de Educação Física. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí, v. 16, n. 3, p. 01-21, abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/57359>. Acesso em: 10 dez. 2020.

TERRÃO, Felipe Lopes; RODRIGUES, Leda Maria de Oliveira . A escolha pelo

curso de Educação Física da Unifesp. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 17, p. 49-60, mai. 2020. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3373>. Acesso em: 10 dez. 2020.

ZUCK, Débora Villetti; BORTOLOTO, Claudiamara. A didática nas teorias pedagógicas: fundamentos e contribuições da didática crítica na formação de professores e aproximações com a pedagogia histórico-crítica. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 16, n. 2, p. 45-67, 2 jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/3007>. Acesso em: 10 dez. 2020.